

## O CARNAVAL DE MARAGOGIPE-BA COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL: UMA LEITURA A PARTIR DA GEOGRAFIA CULTURAL<sup>1</sup>

**Erick Gomes Conceição**

Graduado em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia  
[gomesrms@hotmail.com](mailto:gomesrms@hotmail.com)

**Janio Roque Barros de Castro**

Professor Doutor da Universidade do Estado da Bahia  
[janiocastro@bol.com.br](mailto:janiocastro@bol.com.br)

### RESUMO

O carnaval é uma das festas mais antigas de que se têm registros. Estudos consideram que as primeiras manifestações ocorreram há cerca de 3000 anos a.C. No Brasil, essas festividades acontecem nas mais variadas formas e em diferentes espaços, contribuindo, assim, para a manutenção da cultura popular. Diante de sua importância cultural, o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) registrou, no ano de 2009, o carnaval de Maragogipe como Patrimônio Imaterial da Bahia, no livro de registro três, que abrange as celebrações. Nessa perspectiva, este trabalho se propõe a identificar as novas leituras que os maragogipanos fazem dessa festa, após seu registro como patrimônio imaterial da Bahia. O método utilizado foi a fenomenologia da percepção, e como procedimentos metodológicos foram realizadas sete entrevistas com moradores locais. A pesquisa identificou a tendência à turistificação e à mercantilização do carnaval de Maragogipe.

**Palavras-chave:** Carnaval. Patrimônio Imaterial. Cultura Popular.

### THE CARNIVAL OF MARAGOGIPE AS THE INTANGIBLE CULTURAL HERITAGE OF BAHIA: A CULTURAL GEOGRAPHICAL ANALYSIS

### ABSTRACT

The Carnival is one of the oldest festivals that are registered. Some studies show that the first events took place approximately 3000 years BC. In Brazil, Such celebrations take place in different ways and places, that way, contributing to the keeping of popular culture. In face of its cultural importance the IPAC registered the Maragogipe's Carnival as immaterial patrimony of Bahia in 2009. It is in registry book 3, which addresses the celebrations. According to this perspective, this work aims to identify how the people from Maragogipe understand this carnival after registration as immaterial patrimony of Bahia. Method used as the phenomenology of perception and methodological procedures interviews were conducted with seven dwellers locals. In the field phase interviews were conducted, photographs and observation *in locus*. The research identified a tendency to the tourism and Mercantilism of Maragogipe's Carnival.

**Key words:** Carnival. Immaterial patrimony. Popular culture.

### INTRODUÇÃO

O carnaval é uma das festas mais antigas do mundo. Segundo alguns estudiosos, como Sebe (1986), estima-se que sua origem se situe há cerca de 3000 a.C. É difícil definir um local de origem, pois manifestações parecidas com o carnaval ocorreram em diversos grupos culturais e nos mais diferentes espaços.

---

Recebido em 26/09/2013

Aprovado para publicação em 10/05/2014

<sup>1</sup> A presente pesquisa é fruto de Projeto de Iniciação Científica financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

Segundo Ferreira (2004), no Brasil, o carnaval, primeiramente chamado de entrudo, era configurado por uma forma de brincadeira violenta. Bolas de água, urina e farinha de trigo, eram jogadas nas ruas, formando um cenário que imitava uma batalha. O carnaval brasileiro é fruto dos carnavais portugueses, africano e indígena, pois, nessas sociedades, foram encontrados registros de máscaras e festas que se assemelham às do carnaval.

Os carnavais estão na categoria de patrimônio cultural, enquadrando-se na subdivisão imaterial que, ao longo dos tempos, não recebeu a devida atenção do poder público, pois este desviou os investimentos para projetos voltados à preservação dos bens materiais, como edificações e objetos de valor histórico.

Com o intuito de valorizar, identificar e preservar as manifestações culturais, o IPHAN<sup>2</sup> cria o instituto de registro de bens culturais, regido pelo Decreto 3.551/2000. Este foi um importante passo para o reconhecimento das manifestações culturais, quando várias expressões culturais vão ser registradas como patrimônio. Em 2009, o Carnaval de Maragogipe, foi decretado Patrimônio Imaterial da Bahia, sendo listado na categoria número três, que abrange as celebrações. Diante disso, perguntamos: como o processo de registro em Patrimônio Imaterial influenciou a leitura da festa por parte dos moradores locais?

Buscando compreender esta dinâmica, o presente trabalho tem o objetivo de identificar a percepção que alguns moradores locais têm da festividade, após este registro. O presente trabalho justifica-se, na medida em que avalia uma política pública implantada de forma um tanto quanto engessada, e por problematizar as ações do capital em festas populares, sob a forma do turismo cultural.

Como métodos e procedimentos metodológicos da pesquisa, contou-se com as contribuições da Geografia Humanística, em um estudo de caráter qualitativo, utilizando-se da fenomenologia, sob a perspectiva da Geografia da Percepção. Recorreu-se a este método, por ser essencial à Geografia Cultural, considerando-se a fenomenologia como uma importante vertente dos procedimentos metodológicos da presente pesquisa, tendo em vista contemplar a sua problemática, pelo uso da História Oral. Esta foi de fundamental importância para entender o objeto de estudo, pois tornou possível captar e compreender as memórias que os entrevistados têm do carnaval local, percebendo a relação que os colaboradores desta pesquisa têm com a festividade, assim como compreender a percepção do carnaval, pelos sujeitos sociais entrevistados, após o registro. Os critérios de escolha dos entrevistados para a coleta da história oral e dos mapas mentais foram: a tradição que os mesmos têm como brincantes, sua importância histórica para a festa (um dos entrevistados foi o criador do trio<sup>3</sup> Maragós) e a idade, optando-se, neste último critério, por entrevistados com no mínimo trinta e um anos, pois capazes de abarcar o período de intensas modificações na festividade. Como a pesquisa é qualitativa, foram sete entrevistados no total, não sendo necessário um número amostral grande, pois este foi decidido mediante a técnica de saturação, que consiste na percepção das repetições dos entrevistados sobre muitos aspectos e na satisfação de conteúdo decidida pelo pesquisador.

Na presente pesquisa, identificou-se que, após o registro como patrimônio imaterial da Bahia, os moradores locais observaram modificações estruturais no carnaval de Maragogipe. Alguns acreditam que este título pode oferecer uma renda extra para os moradores locais, em decorrência do aumento do turismo, já outros se mantêm receosos com relação à perda da tradição.

## **DO ENTRUDO AO CARNAVAL: A HISTÓRIA DA FESTIVIDADE E SUAS MANIFESTAÇÕES ESPACIAIS**

Discutir o carnaval é perpassar as mais variadas civilizações, dentre elas o antigo Egito, África, Europa, medieval e moderna, indo até as sociedades atuais. Tentar periodizá-lo pode ser um grande erro, pois, além de existir vários carnavais, nos mais diversos grupos culturais e em diferentes períodos, se desconsidera o caráter processual da história.

<sup>2</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

<sup>3</sup> Caminhão com sonorização utilizado em festividades, principalmente nos carnavais de Salvador e de algumas cidades do interior da Bahia.

Existe uma vertente que acredita que as raízes do carnaval estejam ligadas, de maneira direta, com o Egito antigo. Assim, o carnaval egípcio teria se iniciado com o culto à deusa Ísis, que era a protetora da natureza, e os homens e mulheres se reuniam, para cultuar a deusa, em festas de agradecimento pela vida. Tais festividades aconteciam em épocas de plantio ou de colheita, visando favorecer o ciclo de crescimento dos cultivos. “Segundo remotas tradições, os mortais deveriam dançar, brincar, festejar muito para que as sementes crescessem e os frutos fossem bons” (SEBE, 1986, p. 10). Reforçando essa ideia, Burke (2010, p. 255) o apresentou como o “[...]ritual para fazer crescer a lavoura, e interpretou não só os selvagens, mas também o próprio ‘Carnaval’ como espíritos da vegetação.” Após esse período, em que a rotina era deixada para trás e os prazeres do corpo eram saciados, era preciso dar um fim a esse acontecimento, e, nesse contexto, Ísis sacrificaria o seu parceiro Osíris. Concordando com Sebe (1986, p. 10), observamos que “depois de saciada no mais íntimo de seus desejos, Ísis sacrificaria seu amante para que cessasse a turbulência dos dias do prazer”. Esse pensamento se entrelaça ao de Burke (2010, p. 273), quando afirma que “o julgamento, execução e enterro do ‘Carnaval’ podiam ser interpretados como uma demonstração ao público de que se encerra o prazo de êxtase e liberdade, e que se devia fazer ‘um retorno sóbrio’ à realidade cotidiana”.

Assim como Ísis restabelecia a ordem sacrificando Osíris, o Carnaval também era “assassinado”, na Quarta-Feira de Cinzas, como uma forma de punição pelos dias em que se extravasou. Acredita-se que era um meio de demonstrar, aos brincantes, que os deveres da rotina deveriam ser retomados. Ainda com essa ideia de sacrifício, quando os romanos territorializaram a Europa, os soldados festejavam e escolhiam um jovem para ser rei por 30 dias. Este rei tinha o direito de praticar todos os atos que fossem de seu desejo, mas após este período tinha que cortar o próprio pescoço.

Na Grécia e em Roma, alguns festejos tinham traços e semelhanças, pelo menos na simbologia, daquilo que hoje é o carnaval: o culto aos prazeres e uma alteração da rotina. A briga entre dois deuses para decidir quem iria organizar o mundo, pode estar, também, na origem do Carnaval, segundo a mitologia grega. Apolo aparece como o harmonizador da sociedade e Dionísio (Baco, para os romanos) é o avesso, o desarticulador. “Segundo a tradição grega, a estrutura da vida cotidiana, a rotina do dia-a-dia, sofreria uma alteração completa com a intervenção do deus Dionísio” (SEBE, 1986, p. 12). Dionísio era o deus do vinho, representante do sêmen e dos humanos. Ele era o deus da alegria, dos prazeres, sendo diferente de todos os outros deuses, que pregavam a ordem e a rotina.

Com a ascensão do cristianismo na Europa, as festividades carnavalescas certamente apareciam como uma grande ameaça ao estabelecimento da ordem pela Igreja católica, mesmo que esta manifestação festiva durasse apenas três dias. “Não foram poucos os soberanos, santos e papas que em vida se opuseram ‘às orgias pecaminosas’. Tertuliano, São Cipriano e Inocêncio II dirigiram-se frontalmente ao ‘festim diabólico’, chamando-o inclusive de ‘maldição dos homens’” (SEBE, 1986, p. 24).

Diante disso, o que justificaria a Igreja a aderir a uma festa que ia totalmente contra os seus princípios? Acredita-se que a popularidade e a pressão dos carnavalescos fizeram com que a Igreja cedesse a esta manifestação que, aos poucos, foi sendo cristianizada.

Outra festividade que pode ter servido de inspiração para o carnaval atual foi o Entrudo. Esta manifestação não era caracterizada pelo uso de fantasias, mas pelo cenário de guerra, entre os brincantes. As ruas ficavam totalmente sujas, pois os armamentos utilizados na “batalha” eram ovos, limões, água, lama, cinzas e, algumas vezes, até urina. Por conta deste caráter violento, esta manifestação sofreu retaliações, por parte das autoridades. No entanto, podemos encontrar, nos carnavais atuais, elementos que provêm do Entrudo, como as bisnagas de água, o *spray*<sup>4</sup> de espuma e o próprio ato de jogar talco nos brincantes, como é comum acontecer no carnaval de Maragogipe.

### **O carnaval no Brasil no transcurso histórico: breve apreciação**

Com certeza, uma das formas de se estabelecer nos territórios recém-colonizados está na implantação de manifestações culturais, por parte do agente colonizador. Sendo assim,

<sup>4</sup> Artefato de emissão de líquido em geral, muito utilizado na pintura.

consideramos o carnaval brasileiro como uma forma de consolidação do poder português, já que a matriz principal da festividade no país foi o carnaval ibérico, apesar de que as influências africanas e indígenas não devem ser desconsideradas.

Estima-se que, no Brasil, o carnaval tenha surgido com o entrudo que, como já vimos anteriormente, se constituía de brincadeiras assemelhadas a guerras. Esta característica permaneceu até meados do século XIX, ainda que bastante criticada pelas autoridades, por conta do seu caráter violento. Segundo Sebe (1986, p. 55):

No Rio, ainda que não unanimemente, fica estabelecido a data de 1853 como uma espécie de momento de definição nacional da festa momística. A 'certidão de batismo' do carnaval, em regra, é considerada a portaria baixada pelo chefe de polícia do Rio de Janeiro proibindo o entrudo pelas suas repercussões agressivas.

A influência africana foi preponderante para a reinvenção da festa, já que os instrumentos de percussão, de origem africana, foram incorporados e modificaram o jeito de brincar, acrescentando à festividade, novos ritmos e sons. Em 1840, o primeiro baile de máscaras realizado no Rio de Janeiro vai acarretar grandes mudanças no carnaval brasileiro, já que a festa, antes localizada nas ruas, vai passar a se reproduzir em espaços mais restritos, nos salões de baile. Lembrando que este fato não impede o carnaval de rua, mas este é reduzido e perde a sua força. Os espaços fechados são locais frequentados pelas classes burguesas da sociedade. Neste local, seguro e restrito, os bailes de máscaras foram um atrativo que ganhou a simpatia da elite nacional. Já em Salvador, estes bailes vão ser realizados, mais tardiamente, por volta dos anos de 1860, no Palácio São João, hoje Palácio dos Esportes, localizado na Praça Castro Alves. A própria localização espacial da edificação denota qual era o perfil dos frequentadores, já que situado no centro, uma área nobre da cidade.

Em meados do século XX, os carnavais de salão começam a se enfraquecer e mais uma vez a rua ganha importância na realização da festividade. A burguesia vai deixando o baile de salão e assumindo as arquibancadas de luxo, do sambódromo, no Rio, ou brincando com os abadás, em Salvador, nos blocos particulares que ocupam um espaço delimitado por cordas, que a separam do restante dos foliões, chamados de "pipocas". A partir daí, o carnaval brasileiro vai assumindo especificidades de acordo com os espaços onde é apresentado.

No Rio de Janeiro, a grande marca são os carnavais populares, localizados nas ruas do centro da capital carioca, e das escolas de samba, cujo desfiles ocorrem no sambódromo, localizado na Av. Marquês de Sapucaí, no bairro Santo Cristo. É válido lembrar que o carnaval carioca foi o pioneiro em acrescentar a utilização de máscaras na festividade, sob a influência dos carnavais franceses. Em Salvador, os trios elétricos e afoxés<sup>5</sup> tomam conta das ruas. O carnaval soteropolitano é estritamente de rua, o axé<sup>6</sup> e o pagode são os gêneros musicais que marcam a festividade de Salvador. Na capital baiana, o carnaval vai se concentrar no circuito Dodô, que compreende os bairros de Barra e Ondina, e no circuito Osmar, localizado nas áreas do Campo Grande e da Praça Castro Alves. Esses circuitos restringem assim a sua reprodução no espaço, e as pessoas se deslocam de suas residências em direção a uma área central, onde a festa é realizada. Recife e Olinda têm, como principal marca, o ritmo do frevo, música instrumental de ritmos acelerados que se assemelha, quanto à forma de dançar, à maneira dos cossacos russos, sendo um carnaval de rua marcado pela utilização de fantasias. Em São Paulo, tem-se um carnaval parecido com o do Rio, feito pelas escolas de samba. Nessas capitais, o carnaval ganha maior destaque, mas se deve considerar que, em quase todo o território nacional, existe essa manifestação cultural, com todas as suas especificidades.

### **O carnaval e suas práticas brincantes no espaço urbano**

Como toda festividade, o carnaval também provoca modificações no espaço, pois remete a uma modificação na paisagem para a realização da festividade. Durante sua trajetória, fez com que os variados espaços adquirissem importância diferenciada, ao longo do tempo. Em suas etapas mais iniciais, o carnaval era realizado na rua, sem a delimitação de locais específicos

<sup>5</sup> Blocos carnavalescos com tradições afro-brasileiras.

<sup>6</sup> Gênero musical que surgiu na Bahia, em 1980.

nem fronteiras; sendo uma festa de todos, assemelhava-se a um teatro sem palco e sem cadeiras.

Com o enfraquecimento do entrudo, a festa carnavalesca vai se concentrar mais nos bailes, que denotaram uma forma de segregação social, pois as pessoas que frequentavam esta nova modalidade de brincar o carnaval faziam parte da burguesia brasileira, sendo ainda uma forma do Estado controlar a execução da festa. Os novos padrões europeizados agradaram a sociedade burguesa, que começa a incorporar as máscaras na brincadeira. Os carnavais de rua passam a se concentrar em bairros mais distantes do centro.

Já em meados da década de 1950, os espaços fechados começam a decair e novamente a rua ganha pujança, no cenário nacional; aos poucos, a elite vai abandonando esta modalidade de carnaval e passa a integrar novamente o carnaval de rua.

O carnaval é uma festa muito popular, há quem diga que os brincantes ficam o ano todo esperando o momento em que a festividade vai acontecer de novo. Segundo Burke (2010, p. 256):

Esta [...] traz grandes modificações nas relações sociais na medida em que a mesma apresenta a inversão de alguns papéis sociais. Também se representava a inversão das relações entre homem e homem, fosse inversão etária, inversão de sexo ou outra, inversão de *status*.

Discordando em parte de Burke, esta inversão não se apresenta em sua totalidade, o que há é uma troca de papéis, uma encenação momentânea, sendo complicado pensar que toda uma construção, persistente ao longo dos anos, vá ser esquecida, durante três dias, pois um burguês sempre será um burguês e um proletário sempre será um proletário. No carnaval, os valores não se invertem, principalmente nos carnavais mais atuais, a partir da década de 1990, no Rio de Janeiro e em Salvador, onde os abadás<sup>7</sup> são formas de segregação social dos “pipocas”. A corda e a camisa do bloco, em Salvador, são símbolos que deixam claras estas diferenças de classe; já no Rio de Janeiro, a compra do ingresso para o sambódromo é a marca da segregação. Contudo, devemos levar em conta que, ultimamente, o carnaval popular de rua, na capital carioca, vem ganhando espaço novamente, e este, sim, é gratuito e sem segregação.

No carnaval, é comum homens se vestirem de mulher e vice-versa. Podemos dizer que, nesta festividade, o indivíduo deixa de ser um agente social para ser um ator social, na medida em que faz encenações e incorpora um papel que não lhe é comum, em seu cotidiano. O homem/mulher é curioso, e o carnaval permite o saciar desta curiosidade. Por isso, nesta festividade, este costume é bem aceito, pois é o momento de se fazer, sem culpa de retaliação da sociedade, já que este jogo de papéis, a encenação, é uma marca da festividade, sendo costumes como esses que fazem do carnaval uma festa particular. Esta particularidade está presente com intensidade no carnaval de Maragogipe, máscaras, marchinhas carnavalescas, troca de papéis, pierrôs, colombinas, um conjunto de elementos que fez com que o carnaval desta cidade fosse registrado como Patrimônio Imaterial da Bahia, conceito este que discutiremos a seguir.

## **PATRIMÔNIO CULTURAL: AS MARCAS DAS RELAÇÕES SOCIAIS PASSADAS DEIXADAS NO ESPAÇO**

Esta parte deste trabalho se debruça sobre o patrimônio cultural, dando enfoque maior ao conceito de patrimônio imaterial. A palavra patrimônio é muito utilizada no dia a dia, com diversos significados. Ouvimos falar em patrimônio econômico e patrimônio material, permitindo o uso corriqueiro de expressões como “vou trabalhar para construir meu patrimônio” ou “alguém faleceu e deixou um belo patrimônio para os filhos”. A palavra, como é utilizada pelo senso comum, nos transmite a ideia de posse, de pertencimento.

A primeira vez de que se tem conhecimento da utilização do conceito de patrimônio ocorreu na França, no século XIX, na efervescência da Revolução Francesa, sendo munida pelos ideais Iluministas, com o intuito de frear a ação de depredação das edificações urbanas e objetos pessoais, por parte dos revoltosos em luta. “No mundo ocidental, portanto, o patrimônio,

<sup>7</sup> Camisas utilizadas em blocos carnavalescos, para diferenciar um bloco de outro.



durante muito tempo, foi associado unicamente a coisas corpóreas, já a preservação, a uma prática constituída de operações voltadas para a seleção, proteção, guarda e conservação dessas coisas” (SANT’ANNA, 2003, p. 48).

Concorda-se com a autora, visto que o conceito de patrimônio cultural foi utilizado por muito tempo e ainda é, nos dias atuais, de maneira equivocada, na medida em que só se consideram como patrimônio os bens materiais, dando enfoque às edificações e pertences. Assim, mesmo se utilizando dessa concepção, ainda se questiona a respeito das manifestações culturais, como sendo patrimônio também. Diante disso, surge uma inquietação, vinda não de países europeus, mas sim do Japão, como afirma Sant’Anna, pois “essa nova percepção não surgiu, contudo, de uma reflexão europeia e ocidental, mas da prática de preservação oriunda de países asiáticos e do chamado Terceiro Mundo, cujo patrimônio, em grande parte, é construído de criações populares anônimas” (SANT’ANNA, 2003, p. 49).

As especificidades japonesas fizeram com que um novo debate a respeito do Patrimônio Cultural se desenvolvesse, e que as manifestações culturais também fossem abarcadas pelo conceito. Esses debates surgiram de fato no período do pós-Segunda Guerra, quando, em 1950, o Japão instituiu uma legislação para preservar seu patrimônio cultural, dando incentivo e apoio a pessoas e grupos de tradições cênicas, artes plásticas e afins. A partir daí tem-se uma ideia de patrimônio cultural totalmente diferenciada da ocidental, que abrange as manifestações culturais, as edificações e os bens materiais.

O mundo ocidental só começou a considerar essa flexibilização e a incorporação das expressões culturais no conceito de patrimônio, após a Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, realizada pela Unesco,<sup>8</sup> em 1972. “Esse documento, aprovado pela Conferência Geral da Unesco, recomenda aos países membros a identificação, a salvaguarda, a conservação, a difusão e a proteção da tradição da cultura tradicional e popular, por meio de registros, inventários [...]” (SANT’ANNA, 2003, p. 50).

Acredita-se que a Conferência da Unesco tenha sido bastante influenciada pelos ideais japoneses, no tocante à discussão e valorização do Patrimônio Imaterial. De fato, foi um grande passo dado, pois, a partir daí, os países ocidentais começaram a repensar as manifestações culturais que se realizam no espaço. Sabe-se, porém, que desde a elaboração do documento até a sua concretização, há um longo processo. “Recentemente, construiu-se uma nova qualificação: o ‘patrimônio imaterial’ ou ‘intangível’. Opondo-se ao chamado ‘patrimônio de pedra e cal’, aquela concepção visa a aspectos da vida social e cultural dificilmente abrangidos pelas concepções mais tradicionais” (GONÇALVES, 2003, p. 24).

A partir daí, temos uma flexibilização da concepção de patrimônio cultural, que se divide, em imaterial, que abrange as manifestações culturais, e material, que contempla as edificações e os objetos de valor histórico. A concepção de patrimônio imaterial, como abrangendo as manifestações culturais, está, entretanto, equivocada, pois as festividades também são materiais, e os brincantes e contextos espaciais em que elas são realizadas são concretos.

No Brasil, as discussões sobre a ideia de que o patrimônio não deve se restringir apenas às edificações, às obras de arte e a objetos começa na década de 1930, com o poeta Mário de Andrade, quando este elabora um projeto para o Serviço do Patrimônio Artístico Nacional, em 1936. O poeta considerava patrimônio os cantos, as lendas e outras manifestações da cultura popular. Uma visão futurista, que não foi entendida e nem colocada em prática naquele contexto, mas Mário de Andrade talvez tenha sido o pai da concepção de patrimônio imaterial que se tem, hoje, no Brasil, pois as suas ideias vão fundamentar a Constituição Federal de 1988, no artigo 216, que trata do Patrimônio Cultural brasileiro como:

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I. as formas de expressões
- II. os modos de criar e fazer viver

<sup>8</sup> Organização das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura.

III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988).

Apesar da Constituição Federal (BRASIL, 1988) considerar as manifestações como um patrimônio cultural, durante muitos anos, só os incisos IV e V eram alvo de políticas públicas visando sua manutenção e proteção; o inciso III possui meios autônomos de proteção, como os direitos autorais. Já os incisos I e II sempre estiveram à margem e não foram apreciados pelo poder público, tendo a sua manutenção feita pela própria população, o que não é ruim, pois quem realiza a manifestação é o povo, mas a falta de incentivos financeiros ou do registro de algumas manifestações poderia, de fato, levar ao desaparecimento de algumas delas do cenário brasileiro.

Com o intuito de identificação e valorização do patrimônio imaterial, o IPHAN cria o Instituto de Registro, sendo regido pelo Decreto 3.551/2000, que institui o registro de Bens Culturais com caráter Imaterial, em quatro livros:

1) Saberes: conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; 2) Formas de expressão: manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; 3) Celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; 4) Lugares: mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas. (BRASIL, 2000)

O livro de registros é de fundamental importância, na medida em que as manifestações poderão ser catalogadas e registradas, sendo, ainda, uma forma de incentivo para que as gerações futuras possam dar continuidade à cultura popular de sua cidade. Mas é preciso refletir sobre algumas questões: o registro não estaria engessando as manifestações que passam por esse processo? Ou, parafraseando Londres Fonseca (2003), como evitar que esse registro cause uma divisão entre as manifestações que foram consideradas bens imateriais e as que não foram? Não causaria uma divisão hierárquica? Quais as modificações estruturais que esta elevação poderá trazer a uma manifestação cultural? Este texto não tem a intenção de responder a estes questionamentos, até por não ser o objetivo desta pesquisa, mas é importante deixar tais provocações para o leitor ou tendo em vista a realização de trabalhos futuros.

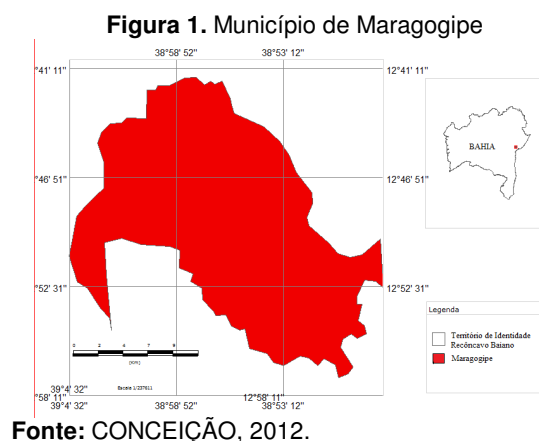
Em 2009, o Carnaval de Maragogipe, objeto de estudo deste artigo, foi decretado como Patrimônio Imaterial da Bahia, e teve seu registro listado na categoria número três, que abrange as celebrações. Diante disso, perguntamos: em que medida a população de Maragogipe percebe a importância cultural do carnaval local? Como o processo de registro em Patrimônio Imaterial influenciou a leitura dos moradores? Refletiremos sobre estas questões, no transcurso do texto.

### **O carnaval de maragogipe como patrimônio imaterial da Bahia**

A cidade de Maragogipe, de acordo com a nova regionalização do Estado da Bahia, de 2007, está localizada no Território de Identidade do Recôncavo Baiano, no entorno da Baía de Iguape. É o ponto de encontro dos rios Paraguaçu e Guaí, condições que formam uma paisagem peculiar, com resquícios de Mata Atlântica e a formação da rica e extensa vegetação de manguezal, que é fonte de renda para muitas famílias.

Compreendendo as coordenadas geográficas de 12° 46' 40" S e 38° 55' 8" W, seu território municipal limita-se com as cidades de São Félix, Cachoeira, Saubara, Salinas e Nazaré das Farinhas, estando distante 133 km da capital Salvador. Segundo o IBGE<sup>9</sup> (2010), sua área é de 440,159 km<sup>2</sup> e sua população está estimada em 42.815 habitantes.

<sup>9</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.



Assim como o carnaval, na escala mundial, esta festividade em Maragogipe também é motivo de divergências, entre estudiosos, no tocante ao seu início. Estima-se que o carnaval da cidade tenha se originado em meados do século XIX.

O carnaval de Maragogipe apresenta-se de uma forma peculiar aos carnavais que temos no Brasil, com a presença das máscaras e marchinhas, como características principais e diferenciais dessa festividade. Muito se discute sobre a origem das máscaras carnavalescas, em Maragogipe, sendo que os estudiosos e historiadores locais, em sua maioria, atribuem esse uso das máscaras e fantasias nos carnavais da cidade como sendo originário de Veneza.

Considerar as máscaras do Carnaval de Maragogipe como de origem veneziana é bastante complicado, tendo em vista o choque cultural que houve no Brasil, sobretudo em uma cidade como Maragogipe, um dos berços do povoamento na Bahia. Logo, não se pode atribuir, a tais artefatos festivos, como sendo de origem apenas europeia, tendo em vista a complexidade cultural do território. Assim, segundo afirma Sebe (1986), as máscaras já eram utilizadas em rituais festivos ou celebrações fúnebres, por grupos culturais africanos e indígenas. Logo, o carnaval maragogipano sofreu a influência de vários grupos culturais, sendo uma prova disso a presença de máscaras semelhantes às de Veneza e a presença do agogô, que é um instrumento utilizado no candomblé, pelos caretas, que são o retrato do “caldeirão cultural” que é a cidade de Maragogipe.

O carnaval é uma festa urbana, e as mudanças de técnicas e de classe social influenciam diretamente na forma de brincar o carnaval, ou seja, a festividade é reconfigurada de acordo com as relações que acontecem no espaço.

Em Maragogipe, a festa era comemorada, na sua maioria, por pessoas que não detinham um poder econômico elevado. O maragogipano que brincava o carnaval se utilizava dos próprios recursos naturais, para a realização da festividade, pois, segundo um dos entrevistados:

O carnaval daqui era uma coisa sem explicação, porque o pessoal se fantasiava com a própria lama do mangue para se sujar, se pintava de carvão, tinha sempre uma forma de se caracterizar e tinha um outro personagem, para poder participar de um momento de alegria. (Informação verbal<sup>10</sup>)

Muitos estudiosos das festas carnavalescas afirmam que as pessoas se utilizam deste período para o esquecimento da realidade, a inversão de papéis e a negação do cotidiano. Mas, no carnaval de Maragogipe, essas afirmações não se aplicam, pois os brincantes se utilizam de aspectos do dia a dia para a realização da festa. Podemos perceber, claramente, na figura a seguir, claros sinais de indignação com a situação política do país sendo demonstrada, na fantasia do careta de Maragogipe. Este se utiliza da máscara para protestar e falar de algo que, talvez no seu cotidiano, ele não tenha coragem de expressar. É comum vermos fantasias de protesto, principalmente de cunho político, tanto em escala local como nacional.

<sup>10</sup> Entrevista realizada em agosto de 2013.



**Figura 2.** Fantasia com crítica aos políticos



**Fonte:** Disponível em: <acordacidade.com.br>.

O Carnaval estava presente por todo o espaço urbano da cidade, até que, no início do século XX, influenciada pelos carnavais europeus, a “elite” de Maragogipe desejou participar dos festejos carnavalescos, mas para não se dirigir às ruas, junto aos menos favorecidos economicamente, foram criados os bailes de carnaval. Isso significou uma reinvenção na forma e na espacialidade da festa, pois o carnaval de rua perde um pouco a sua força, surgindo o carnaval de salão nesse contexto. Um carnaval estratificado e feito para os ricos, onde o poder se mostrava no bilhete de entrada. A cidade de Maragogipe teve cerca de quatro salões onde eram realizados os carnavais: Rádio Clube, Associação Atlética, Dois de Julho e Terphiscore. A Rádio Clube foi o salão mais antigo da cidade e, conforme depoimentos, com relação ao seu surgimento, um entrevistado afirmou:

Aqui em Maragogipe é o seguinte, com a implantação da indústria do fumo, aí nós tínhamos uma separação social muito grande, o que era operário e o que era capitalista. Então, a sociedade maragogipana fazia essa separação e essa separação chegou até a excluir, nessa parte da festa, porque os alemães, por exemplo, criaram a rádio clube, que era um clube para eles jogarem boliche, depois terminou sendo um local pra eles brincarem o carnaval. (Informação verbal<sup>11</sup>)

Pode-se perceber que a consolidação de uma classe burguesa, na cidade de Maragogipe, influenciou diretamente na maneira de brincar o carnaval, pois, a partir disso, têm-se dois carnavais na cidade: o carnaval de rua, que é o das classes menos favorecidas, e o carnaval dos ricos, aquele realizado em salões e ao estilo europeu. Em relação a essa estratificação social do carnaval de salão, conforme depoimento colhido nas entrevistas:

Mas como sabemos muito bem, era uma festa que não era para todos, uma festa elitizada, a gente não pode negar isso, uma festa em que, sobretudo, só participavam algumas pessoas da cidade de Maragogipe, principalmente daqui do centro, a maioria das pessoas da área periférica da cidade, elas não participavam. (Informação verbal<sup>12</sup>)

Essa fala do entrevistado, além de reafirmar o caráter de segregação do carnaval de Maragogipe, na época dos salões, nos remete a pensar, do ponto de vista espacial, onde estão alocadas as classes sociais de Maragogipe, ou seja, como a segregação espacial é comum a todas as cidades: no centro moram os ricos e na periferia os pobres.

A partir da década de 1950, com a inserção de novas tecnologias no mundo e, sobretudo, no carnaval, um elemento muito importante para reorganizar, novamente, a festa, principalmente do ponto de vista espacial, foi o trio elétrico. Podemos afirmar que o pai do trio elétrico, em Maragogipe, foi um senhor da cidade, Aidil Nascimento mais conhecido como “Dica” que, em 1956, implantou o trio Maragós, até hoje existente na cidade.

<sup>11</sup> Entrevista realizada em agosto de 2013.

<sup>12</sup> Entrevista realizada em setembro de 2013.

O trio, com certeza, foi uma grande novidade para o carnaval local. Ele percorria todas as ruas estreitas, de estilo colonial, que a cidade tem, já que não possuía grandes dimensões, flexibilizando e descentralizando o carnaval. Por conta disso, houve um enfraquecimento dos carnavais de salão, que vieram a desaparecer por completo, na década de 1990. Muito se atribui o fim dos bailes à incorporação do trio elétrico, na forma de se brincar, e à instalação de palcos para a apresentação de bandas, em praça pública, gratuitamente.

A cada ano, o trio elétrico Maragós foi sendo aprimorado e ganhando novas roupagens, até que o carnaval de trios se popularizou, na cidade, e outros vieram para abarcar a demanda, principalmente dos blocos privados. Essa especialização dos trios trouxe uma grande consequência, na forma espacial da festa, pois, a partir disso, houve uma centralização do carnaval, especialmente pela criação do circuito Areal-Caijã, ou seja, os trios circulando somente nestes dois bairros, fazendo o retorno e voltando pelo mesmo caminho. Sobre esta centralização do carnaval, o depoimento observa:

Estão vindo uns trios grandes aí, as ruas são apertadas, agora o meu roda tudo ainda, só que eles não querem, esse ano passado mesmo que eu saí, fizemos um acordo, eu disse: olha, eu quero fazer o carnaval como eu fazia antigamente, circular pelas ruas. Tá certo, aí saí no sábado das palmeiras, vim pela rua do estadual, subi o saboeiro, vim na praça, aí, domingo, era para sair para correr as ruas todas aí. Ah, não venham mais na praça e só vá do Areal para o Caijã, pronto, eles que determinaram, aí desanima o carnaval, eu cansei de ir no porto, até no cemitério, manobrar ali e vir, subi a rua nova e vim pra rua do rio, todo ano eu fazia isso aí, rua do armazém, área, corria Maragogipe toda. (Informação verbal<sup>13</sup>)

Pode-se perceber, pelo depoimento, que a iniciativa de centralização do carnaval foi feita por parte do poder público local. A praça é o espaço de fluxo do capital, é o centro da comercialização, onde os ambulantes e camelôs estão presentes. A praça é o local de consumo. Assim, centralizar o carnaval neste espaço é muito mais vantajoso para quem quer obter lucro com a festividade. O carnaval não vai mais até o brincante, o brincante tem que ir até o carnaval.

Com a criação dos circuitos de trio elétrico e a instalação de palcos e bares móveis na Praça Matriz, a circulação de caretas e transeuntes ficou concentrada em áreas como o Caijã, Areal, Enseada, Rua Felipe Melo e a Praça Matriz, fato esse que se agravou, com a criação de um concurso de fantasias, promovido pela prefeitura local, no qual os jurados votam na melhor fantasia, em várias categorias. Logo, os caretas circulam com mais intensidade pelas áreas centrais, onde há um maior fluxo de pessoas e jurados, esquecendo-se assim das áreas mais afastadas. Diante disso, passamos a ter uma supervalorização da especulação imobiliária nessas áreas, por parte de moradores que alugam casas para esse período festivo.

Diante da sua importância cultural, o carnaval de Maragogipe, em 2009, foi registrado como patrimônio imaterial da Bahia, pelo IPAC, estando na categoria três do livro de registro que abrange as celebrações. Diante deste fato, como o processo de registro em Patrimônio Imaterial influenciou a leitura dos moradores? Esta questão será discutida no subcapítulo a seguir.

### **O registro do carnaval de Maragogipe como patrimônio imaterial e as modificações ocorridas na festividade**

Diante da importância cultural do carnaval de Maragogipe, no ano de 2009, a festa foi registrada como patrimônio imaterial da Bahia, pelo IPAC, estando na categoria três do livro de registro que abrange as celebrações. Mediante este fato, a pesquisa buscou investigar como esse processo influenciou a leitura dos moradores desta festa reinventada.

A nova concepção sobre o carnaval, após o seu registro, por parte dos maragogipanos, abarca múltiplos aspectos. A desconfiança com a elevação e o medo das modificações aparecem na fala do entrevistado, quando ele diz:

Então, esse carnaval, tombado como patrimônio imaterial, deve ser preservado na sua originalidade, pois assim que ele se fez com as máscaras,

<sup>13</sup> Entrevista realizada em agosto de 2013.

espontaneidade como em nenhum lugar do Brasil, deve buscar manter a sua originalidade, para que isso possa persistir e chegar às gerações futuras. (Informação verbal<sup>14</sup>)

O entrevistado não é contrário ao registro, mas ao mesmo tempo em que é favorável, ele se mostra receoso, no tocante às modificações que o registro pode trazer à festividade, principalmente na questão da originalidade, pois, para ele, este foi o fator que levou o carnaval de Maragogipe a ser registrado como patrimônio imaterial da Bahia, sendo fruto de uma tradição que tem de ser mantida.

Outros moradores entrevistados enxergam esse registro como algo de fundamental importância para a manutenção do carnaval local, acreditando, ainda, que o título da festa é uma grande possibilidade de sua comercialização.

Os órgãos competentes têm que incentivar mais o público ir mesmo as ruas, de fantasia, de máscara, para participar mais do carnaval, para que o carnaval seja vendido mesmo, de maneira comercial, por que é um carnaval rentável, é uma coisa que atrai, e se for bem divulgado, ele gera recurso, ele se paga. [...] A maioria das pessoas de Maragogipe não percebeu o potencial desse título, para poder ganhar algum dinheiro encima disso, e poder conseguir algo a mais, para sua renda familiar, e, por conta disso, algumas pessoas acabam se perguntando: para que serve esse título? Não é assim, tem que pensar além, não pode pensar que o título é um título de copa do mundo e ponto final, mas ele é algo a mais, você pode ganhar muito mais com ele, ao longo dos anos, e a cada ano que passa, você conseguindo preservar a sua tradição e fazendo com que as pessoas tenham consciência que essa tradição deve ser preservada, e pode também ser comercializada, aí você tem um potencial muito grande no carnaval de Maragogipe, se as pessoas começarem a entender essa questão. (Informações verbais<sup>15</sup>)

Diante das declarações, pode-se perceber o desejo de mercantilização da festa, pois os entrevistados enxergam o carnaval, após esse registro, como uma forma de obtenção de lucro e de acumulação de capital. O desejo de divulgação aparece claramente, na fala do entrevistado, para que os outros conheçam a festividade e com isso possam gerar renda para os moradores locais, o desejo de “venda” do carnaval é claramente percebido. Diante disso, muda todo o sentido da festa. Assim, o que antes era uma manifestação espontânea, feita pelo povo e para o povo, agora será realizada para o turista. Para o entrevistado, há o desejo de que a festividade seja preservada e depois vendida, mas será mesmo que a venda da festa pode ser aliada a sua preservação? O próprio desejo de comercialização da festa já questiona a preservação, pois não basta só preservar os caretas e as marchinhas, mas, principalmente, o sentido da festa, que está sendo modificado.

Como consequência do registro, houve uma intensa divulgação da festividade. Diante disso, a quantidade de turistas e visitantes que vêm para a cidade, contemplar e participar do carnaval de Maragogipe, tem aumentado significativamente, a cada ano que passa. As figuras a seguir apresentam uma comparação entre as festas dos anos de 2002 e 2012.

**Figura 3.** Carnaval no ano de 2002.



**Fonte:** Francisco Gomes, 2002.

**Figura 4.** Carnaval no ano de 2012.



**Fonte:** Erick Conceição, 2012.

<sup>14</sup> Entrevista realizada em setembro de 2013.

<sup>15</sup> Entrevistas realizadas em agosto e setembro de 2013.

Reforçando o que as figuras acima querem expressar, dois dos entrevistados afirmaram que o fluxo de turistas, desde o registro do carnaval, vem aumentando cada vez mais, e muitos deles atribuem esse aumento à divulgação da festa, por meio da mídia.

E a gente percebe, nesses últimos anos, justamente por essa massificação da propaganda, o aumento do fluxo de turistas na cidade. [...] A quantidade de turistas aumentou, pois teve divulgação, a prefeitura não tinha condições de divulgar, com essa divulgação, veio gente do mundo inteiro. (Informações verbais<sup>16</sup>)

O próprio governo do Estado e o poder público local se incumbiram de promover a venda do carnaval de Maragogipe. Assim, o trabalho de divulgação da festa foi feito de maneira intensa, prática que é direcionada para que os turistas possam conhecer essa festividade, sendo a atividade turística uma das que mais geram renda no Brasil, principalmente, no Estado da Bahia. Neste contexto, o carnaval de Maragogipe passa a ser um atrativo a mais, para o governo do Estado atrair o capital advindo dos turistas e visitantes que vão participar da festividade.

## REFLEXÕES FINAIS

No presente trabalho foi identificado que, após o registro do carnaval de Maragogipe como patrimônio imaterial da Bahia, os moradores locais têm observado modificações estruturais na manifestação. A perspectiva de venda da festa é um fator que está acontecendo, pois, com a massificação de sua divulgação, a quantidade de turistas que frequentam a cidade no período festivo aumentou significativamente. Diante disso, os moradores compreendem que essa prática é viável, pois a possibilidade de obtenção de lucro com a festa é eminente.

Apesar de considerar o registro do carnaval local como patrimônio imaterial algo importante para a manutenção da festa, alguns moradores se mantêm receosos, no tocante à continuidade da festividade, da maneira espontânea e endêmica, pois estes temem que, com a importância que o carnaval adquiriu, a tradição das máscaras e das marchinhas antigas possa se perder, tendo em vista as rápidas mudanças que a festa vem enfrentado e poderá enfrentar, com a massificação da sua divulgação, com o passar dos tempos.

Com o registro do carnaval de Maragogipe como patrimônio imaterial da Bahia é necessário pensar nas modificações que estão ocorrendo e nas que estão por vir. Esse processo desencadeia transformações nas bases estruturais da festividade, modificando todo o seu sentido, a partir do momento em que novos investimentos são feitos, ampla divulgação na mídia e novos agentes participando da festividade.

Diante desses apontamentos, entende-se que alguns questionamentos ainda são relevantes para as discussões atuais e futuras: até que ponto esse processo de registro foi importante para o carnaval de Maragogipe? Com a massificação de turistas, no período festivo, qual o comportamento do morador local para com esse novo processo? Será que ocorrerá um processo de “estranhamento” da festividade, por parte dos maragogipanos? O processo de mercantilização da cultura pode ser uma consequência pós-registro?

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Sônia Maria Costa de. **Carnaval e máscaras**: a magia da cena brincante da cidade de Rio de Contas. Salvador: Editora do Autor, 2006.

BRASIL. **Código Penal da República Federativa do Brasil. 2000.** Decreto n. 3.551- de 4 de Agosto de 2000. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2007/10/decreto-3551.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2012.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: [http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/1366/constituicao\\_federal\\_35ed.pdf?sequence=11](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/1366/constituicao_federal_35ed.pdf?sequence=11)>. Acesso em: 26 set. 2012.

<sup>16</sup> Entrevistas realizadas em agosto de 2013.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**: Europa 1500-1800. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Letras, 2010.

COUTINHO, Dilton. **Máscaras e Fantasias garantem magia no Carnaval de Maragogipe**. Acordacidade. Disponível em: < <http://www.acordacidade.com.br/noticias/120495/mascaras-e-fantasias-garantem-magia-do-carnaval-de-maragogipe.html>>. Acesso em 29 maio. 2014.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 46-55.

IBGE. **Informações de Maragogipe/BA**. Censo Demográfico 2010. Disponível: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=292060&search=bahia|maragogipe>>. Acesso em: 2 mai. 2014.

SANT'ANNA, Marcia. A face imaterial do patrimônio cultural os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 46-55.

SEBE, José Carlos. **Carnaval, carnavais**. São Paulo: Ática, 1986.

LONDRES FONSECA, Maria Cecília. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 56-75.